

Índios e juruás trocam experiências no Colégio Florestal

Reportagem de 25 de abril de 2012 16:49 h

Disponível em : <http://www.hojecentrosul.com.br/especiais/indios-e-juruas-trocam-experiencias-no-colegio-florestal/>

Irati – Um grupo de aproximadamente 40 índios guaranis da aldeia Terra Indígena Rio da Areia, situada a 45 quilômetros da sede do município de Inácio Martins, visitou aos alunos do Colégio Florestal na quinta (19), Dia do Índio, para um intercâmbio cultural com os juruás – como eles chamam o homem branco.

Os alunos tiveram a oportunidade de conversar com os índios sobre como é habitar a aldeia e sobre os costumes e tradições indígenas que eles preservam até hoje, bem como sobre como funciona a escola indígena que existe na aldeia.

Inicialmente, os estudantes do Colégio Florestal mostraram trabalhos que realizaram sobre mitologia indígena e, em seguida, os índios comentaram sua vivência dentro da aldeia e sua experiência como educadores dentro da escola indígena

Arandu Miri (Sabedoria Infantil, em guarani).

Conforme o professor de filosofia Hugo César Iantas, um dos organizadores desse encontro entre os alunos e os índios, a intenção era a de realmente promover um intercâmbio de experiências culturais. Ele conta que nas aulas de filosofia foi pensado em se fazer um trabalho a respeito da mitologia indígena.

“É óbvio que, para a cultura indígena, ela não se apresenta apenas como mito, é parte da vivência deles. Então achamos interessante convidar o pessoal primeiro para conhecer o colégio e posteriormente para fazermos um intercâmbio dessa experiência, que poderia ser trocada”, explica.

O professor Eliton Candido, de educação física, ficou responsável por fazer o convite à tribo. Segundo ele, a ideia partiu do princípio de que o



colégio pretende realizar ao longo desse ano alguns desses chamados intercâmbios: com os indígenas, com os quilombolas e com alunos e professores das APAEs. **“Aproveitamos a data e o projeto do professor Hugo e foi feito o convite para a aldeia indígena de Inácio Martins, pois aqui nós temos alunos que são de Inácio Martins e que não conhecem a aldeia”**, conta. Eliton acrescenta que, depois de comentar com os alunos e notar seu interesse em conhecer os habitantes da aldeia, entrou em contato com o Núcleo Regional de Educação, que mediou o contato. **“É de suma importância a vivência da diversidade. O que você não vive você não conhece. Pode ler, mas não é um conhecimento, é uma informação. Agora estamos conhecendo um pouco mais da cultura indígena, o que é muito importante”**, pontuou o professor de educação física.

A diretora da escola Arandu Miri, Maria Lucia Sempkio Franco, explica que a preocupação do governo em organizar escolas voltadas especificamente para a cultura indígena é recente. A escola da aldeia é bilíngue – com aulas em português e em guarani. De acordo com a diretora, a principal preocupação tanto do Núcleo quanto da Secretaria Estadual de Educação (SEED) é fazer com que a tradição do povo indígena – a língua, as danças, a religiosidade – sejam preservados e incentivados dentro da escola. Segundo ela, hoje os índios esperam o início da construção de uma nova unidade escolar dentro da aldeia, com um projeto específico voltado a eles. Maria Lucia explica que parte dos professores que atuam na escola é de origem indígena e estão em processo de formação, além de ter uma professora indígena já formada no magistério, Jacira. Maria Lucia conta que, **“...apesar da humildade dos professores indígenas, que são quietinhos e não gostam muito de aparecer, a professora Jacira é responsável pela tradução da cartilha do Bolsa Família e de outra do Ministério da Saúde para o guarani, que são usadas em âmbito nacional. Além de Jacira, há outros três professores de origem guarani: Silvana, Manoelzinho e Adriana. E ainda existem as professoras não-indígenas (juruá): Margarida, Juciane e a pedagoga Cristiane”**.

A diretora conta que está há apenas um ano à frente da escola e que, aos poucos, vem aprendendo a língua e a cultura guarani. De acordo com ela, a escola existe há quase 30 anos, mas era uma escola municipal de ensino regular. **“Desde 2008, passou a ser estadualizada e passou a ter esse olhar. Até 2008, era uma escola convencional dentro de uma reserva indígena onde não se tinha preocupação em trabalhar a língua indígena, a cultura indígena”**, explica.

A escola Arandu Miri hoje atende a 25 alunos de primeiro ao quinto ano do ensino fundamental – crianças entre cinco e 11 anos. Crianças maiores e adolescentes participam do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil e estudam no período noturno, no Colégio Parigot, que fica em Inácio Martins e fazem lá do sexto ao nono anos.

Os professores indígenas recebem sua formação numa escola em que eles são chamados para realizá-la em etapas. “Antes eles iam para o antigo Faxinal do Céu e hoje eles vão para Pinhais, numa escola normal que oferece formação dentro da especificidade deles”, conta Maria Lucia. Ela explica que a ementa disciplinar é parecida com a nossa, mas o conteúdo é trabalho de modo bilíngue, tanto em guarani quanto em português, e todos os tópicos são voltados para a realidade indígena.

A professora Jacira Fernandes conta que leciona há oito anos. Ela estudava em Nova Laranjeiras e se transferiu para Inácio Martins em 2001. Em 2004 ela começou a trabalhar na escola,



que contava apenas com uma professora não-indígena. Aí entrou uma professora indígena, que permaneceu um ano e meio dando aulas na escola, quando o cacique chamou Jacira para substituí-la.

“No começo eu ensinava a ler e a escrever em português e guarani. Hoje me dedico ao ensino da escrita, leitura e oralidade em guarani”, conta.

De acordo com Jacira, o papel mais importante da escola é preservar a língua guarani, pois, com o tempo, se perdeu muito da cultura, como o artesanato. Ela explica que a escola tem buscado recuperar elementos da cultura indígena e, além da língua e do artesanato, trabalha a dança, a música e a religiosidade indígenas.

Os alunos do Colégio Florestal assistiram a algumas apresentações dos guaranis da aldeia, que se caracterizaram para três performances de dança: uma só com meninos, uma só com meninas e outra com ambos. Os índios depois entoaram três músicas, as duas primeiras eram versões em guarani de cantos religiosos cristãos. Por último, eles cantaram, em português, uma paródia da música “Como Um Anjo”, intitulada “Ser Um Índio”, que trata da essência cultural de viver na aldeia. A professora Margarida Jak, que leciona para o quinto ano, explica que a paródia foi escrita reunindo professores do magistério de várias aldeias.

Para a técnica pedagógica da equipe de educação básica e coordenadora da educação para a diversidade do NRE de Irati, Luiza Aparecida Chami, a importância da atual política de estabelecer escolas voltadas para os indígenas é permitir que eles fiquem dentro da aldeia e preservem sua cultura, pois eles ainda precisam enfrentar uma grande discriminação quando buscam ensino em escolas fora da aldeia. **“O trabalho nosso, dentro do Núcleo Regional de Educação é fazer com que todos os professores de todas as disciplinas contemplem o plano do centro de trabalho com a diversidade, principalmente com a cultura indígena para valorizar esse trabalho e a contribuição dos indígenas para a história do Brasil”**, salienta.



Uma vez terminada a educação básica, espera-se a formação de novos educadores e que a maioria dos professores sejam indígenas, pois muitos deles ainda são não-índios, define a técnica pedagógica do NRE. Segundo ela, o MEC ainda apresenta uma proposta contemporânea de fazer universidades voltadas para os índios, para que eles não interrompam essa formação. **“Esse intercâmbio que aconteceu hoje foi muito bom, pois eles podem ter a oportunidade de sair da aldeia para fazer um curso técnico, pois o curso florestal é também voltado para a preservação do ambiente”**, analisa Luiza.

**Texto e fotos: Edilson Kernicki, da Redação
Publicado na edição 616, 25 de abril de 2012.**